

PROPOSTA DE REDAÇÃO – 1ª SÉRIE:

Texto I - A Espetacularização da Vida Privada nas Redes Sociais

Cada vez mais, as pessoas utilizam a internet e as redes sociais em seu cotidiano, essa é uma verdade incontestável que promete se intensificar nos anos vindouros. Pensar em uma vida sem a presença de tais tecnologias é uma tarefa difícil. Afinal, elas se inseriram no dia a dia de modo intenso, seja para fins recreativos, seja para aquisição de conhecimento, interlocução ou mesmo distribuição de notícias de forma descentralizada.

Inicialmente os internautas somente se relacionavam em ambiente digital com as pessoas que já conheciam, todavia, com o decurso do tempo, viu-se a possibilidade de maximizar o número de conexões na rede, criar novos contatos e, assim, conhecer novos indivíduos. Esse foi o primeiro passo em um longo, mas célere, processo de remodelação do ambiente das redes sociais.

Na atual fase desse processo, os usuários da rede conectam-se com indivíduos desconhecidos pelo simples ato de se conectar, adicionam pessoas, fazem “amigos”, adquirem seguidores que sequer sabem seu nome ou quem o sujeito verdadeiramente é. Nesse caótico cenário de multiplicação exacerbada de contatos nas redes sociais, emerge a problemática da espetacularização da vida privada.

Cada pessoa, na crença de ser a protagonista de sua rede social, compartilha informações, dados, fotos, áudios e mídias diversas com os demais internautas, sem qualquer filtro. Fotos de um almoço em família, o anúncio de uma contratação, um certificado de um curso que concluiu foram as primeiras coisas a serem compartilhadas, mas hoje se vê o absurdo, fotos de casais em motéis, exposição extrema do corpo em poses sensualizadas e várias outras situações relativas tão somente à vida privada inundam as redes sociais.

As pessoas passam a se apresentar nas redes sociais como um mero produto de entretenimento. Pretendem passar uma “imagem meramente ilustrativa”, que em nada se assemelha com a realidade e, por esse motivo, sofrem significativamente com os efeitos advindos da utilização incorreta das redes sociais, como a depressão e a ansiedade.

Para além dos efeitos negativos supramencionados, pode-se citar o próprio deslocamento da realidade. A pessoa desconecta-se de sua vida e passa, tão somente, a viver seu perfil, seu avatar digital. Os momentos experienciados são deixados de lado uma vez que somente a foto ou o vídeo realmente importam. Nesse cenário, os próprios conceitos de privacidade e de intimidade são ressignificados pelas novas gerações, as quais demonstram dificuldade em separar o privado do público. Cada vez mais se expõem aspectos íntimos com o mero intuito de angariar seguidores e conseguir “likes” nas redes sociais. No caminho para obtenção de algum reconhecimento, muitas pessoas recorrem à exposição exacerbada de sua imagem ou de seu corpo, expõem-se a situações vexatórias ou humilhantes, praticam condutas reprovadas socialmente, sempre compartilhando nas redes.

Faz-se necessário, portanto, repensar os limites da autoexposição e da exposição de terceiros nas redes sociais, por meio de condutas como o “sharenting”, de modo a garantir as futuras gerações com conhecimento e discernimento sobre o que postar e como postar.

Fonte: “Magis, portal jurídico”, escrito por Clayton Douglas Pereira Guimarães (advogado)

Texto II - Charge: discursos de ódio nas redes



Fonte: Portal do agora, arte de Ricardo Welbert (cartoonista)

Texto III - Famosos expõem suas próprias intimidades e contam mais do que queríamos saber

Não faz muito tempo, as celebridades reclamavam do assédio da imprensa. Queixavam-se de que eram perseguidas nas ruas por “paparazzi” e que não conseguiam fazer coisas banais, como ir à padaria sem ser incomodadas. As redes sociais mudaram tudo. Alguns famosos logo perceberam que, quanto mais exibissem suas vidas privadas, mais seguidores conquistariam, atraindo o interesse de anunciantes. Tornaram-se “paparazzi” de si mesmos. E dá-lhe foto tomando banho, dormindo no sofá, comendo qualquer coisa. Tudo em busca de engajamento, quer dizer, dinheiro.

Hoje já estamos numa outra fase, em que atores e apresentadores revelam detalhes íntimos, às vezes sem que ninguém tenha perguntado nada.

Como bem apontou meu colega Leonardo Volpato em sua matéria sobre o Dia do Sexo, agora sabemos que o marido de Deborah Secco é bem-dotado, que Sandy poderia dar aulas de masturbação e que Susana Vieira adoraria participar de uma suruba.

Claro que é engraçado conhecer esses detalhes picantes. Eles humanizam as celebridades, pois mostram que elas são tão taradas quanto qualquer um de nós. E uma sociedade em que o sexo é discutido à luz do dia é um milhão de vezes melhor do que a repressão que estava em vigor algumas décadas atrás.

Nem tudo é divertido nessas revelações. Nos últimos dias, o comediante Marcus Majella publicou um longo “exposed” contra seu ex-namorado Guilherme Castro, tema da coluna mais recente da Rosana Hermann. Parecia o tipo de coisa que a gente faz quando não está no total domínio das faculdades mentais, tanto que a postagem foi apagada logo depois. Tarde demais, evidentemente.

O tiro meio que saiu pela culatra. Majella foi atacado nas redes sociais por se fazer de vítima de uma situação da qual ele também era cúmplice. Também houve quem o acusasse de ter se rendido ao “padrão”, a preferência por corpos esculturais, agora que ele mesmo emagreceu. Ou seja: ninguém saiu ganhando.

Preta Gil é outra que está em vias de transformar a própria vida em “reality show”. A cantora vem enfrentando uma barra inimaginável, lidando com um câncer e um divórcio conflituoso ao mesmo tempo. Ainda convalescendo da cirurgia a que foi submetida no final de agosto, Preta revelou no Instagram a armação que o ex-marido e a amante dele estariam preparando contra ela.

É o tipo de coisa que, antigamente, seria mantida em total segredo, até um repórter abelhudo descobrir a história e publicá-la na imprensa, para o desgosto de todos os envolvidos. Hoje, esse tipo de reportagem está cada vez mais rara, porque os próprios envolvidos se encarregam de contar tudo.

Acho totalmente compreensível que esses famosos machucados queiram desabafar e conquistar o apoio dos fãs. Mas, ao desnudarem suas intimidades “on-line”, também ficam expostos ao tribunal da internet, onde nem todo mundo é amiguinho. A maldade de algumas pessoas não tem limite e não poupa nem quem ainda está no hospital se recuperando de uma operação delicada.

Fica, então, a questão: vale a pena se expor tanto? Até que ponto é seguro mostrar sua casa, revelar suas preferências na cama, expor suas dores mais íntimas, para uma multidão de desconhecidos?

Não há uma resposta definitiva para esta pergunta, até porque ainda estamos aprendendo a lidar com o poder das redes sociais. Para o bem e para o mal.

Enquanto isto, ficamos sabendo do apetite sexual de Xuxa, que Lázaro Ramos gosta de exhibir seu órgão em ris-te para Taís Araújo e que o ex-namorado de Marcus Majella não pagava nenhuma conta. É um pouco difícil entender o que os famosos ganham com tanta exposição.

Fonte: “Folha de São Paulo”, por Tony Goes, articulista e roteirista

Texto IV - O que é Sociedade do Espetáculo?

A “Sociedade do Espetáculo” é um livro escrito por Guy Debord em 1967, no qual o autor argumenta que o capitalismo avançado tem criado uma sociedade em que as relações sociais são mediadas pelas imagens e pelo consumo. Segundo Debord, a sociedade moderna é dominada por um “espetáculo”, ou seja, um conjunto de imagens e mensagens que são veiculadas pela mídia e pelo mercado e que têm como objetivo promover o consumo e a conformidade. Essas imagens e mensagens formam um mundo fictício que as pessoas tendem a confundir com a realidade, o que leva a uma alienação e a uma perda da consciência crítica. Debord argumenta que a sociedade do espetáculo é opressiva e desumanizante, sendo necessária uma revolução para superá-la. O livro “Sociedade do Espetáculo” tornou-se um marco na teoria crítica e tem sido amplamente influente em diferentes campos, como na sociologia, na filosofia, sobretudo de base marxista.

Fonte: “Café com Sociologia”, escrito por Cristiano Bodart (sociólogo).

Texto V - A sociedade do espetáculo na contemporaneidade

Para Debord (1997), vivemos em uma “sociedade do espetáculo”, onde a mercadoria e a aparência tornaram mais valorizadas no contexto das relações sociais, configurando uma forma de relação social em que o ter e o aparentar ser suprem momentaneamente o viver, objetificando e artificializando as experiências, que deixam de ser vividas em sua essência. A imagem que o indivíduo tenta transmitir de si mesmo ou do modo de vida que vive ultrapassa a realidade e torna a imagem, a representação, uma nova realidade ficcional, ou seja, uma realidade construída por ficções. Debord (1997, p. 8) diz que “o espetáculo” é, ao mesmo tempo, “o resultado e o projeto do modo de produção existente”. O espetáculo não é apenas um conjunto de imagens postadas ou compartilhadas nas plataformas

de mídias sociais, mas também é o contexto das relações sociais contemporâneas, o qual media as relações entre as pessoas por imagens, narrativas e enquadramentos. E esse espetáculo, essa atuação social, contribui para a criação da realidade coletiva nos dias atuais.

A sociedade vem passando por transmutações em todas as esferas de maneira muito rápida. Quando Debord (1997) analisa e explica a “sociedade do espetáculo”, ele está fazendo uma análise dos anos de 1960 e, mesmo depois, no ano de 1988, quando o autor faz uma nova avaliação sobre a sociedade espetacular, ainda é muito diferente da realidade que vivenciamos nos dias de hoje. Vivemos a emergência de uma sociedade da imagem que hegemoniza a sociedade, refletindo a cultura atual e sedimentando o modelo econômico neoliberal.

Concordamos com Debord (1997), entretanto, na atualidade, as novas tecnologias multiplicaram-se e multiplicaram o número de pessoas que têm acesso a essa metanarrativa de vida e, principalmente, o número de pessoas que participa das plataformas de mídias sociais. Esses “prosumers” tornam-se fixadores e mantenedores desse modo de vida pautado no espetáculo, no consumo, na ficção, e “tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação” (DEBORD, 1997, p. 15). A maneira de se viver a vida é muito pessoal, mas, analisando por meio do pensamento de Debord, vemos constantemente a publicidade construir imagens dos produtos que serão consumidos. Nesse caso, a imagem torna-se mais que os próprios produtos, e as pessoas tornam-se também produtos que precisam ter uma boa imagem. Sendo assim, a imagem assume um papel de vida que carrega desejo e se sobrepõe à própria pessoa.

Fonte: “Notícias UnB”, escrito por Rodolfo Ward (Mestre em arte e tecnologia)

Texto VI

As redes sociais são usadas, geralmente, para compartilhar momentos da rotina, fotos pessoais, check-ins e até desabafos. No entanto, o hábito aparentemente inofensivo pode gerar riscos à privacidade e à segurança. O excesso de exposição, prática conhecida como “oversharing”, transforma postagens despreocupadas em oportunidades para golpes, perseguições e até crimes virtuais. Informações como localização em tempo real, nomes de familiares ou hábitos do dia a dia podem ser usadas por criminosos, ou por algoritmos que rastreiam e exploram dados. A seguir, conheça cinco riscos da superexposição nas redes sociais e veja como se proteger no ambiente digital.

1. Golpes por engenharia social

Criminosos podem usar informações disponíveis em perfis nas redes sociais para aplicar golpes de forma personalizada. Ao identificar onde a pessoa trabalha, quem são seus contatos ou como é sua rotina, por exemplo, eles conseguem simular mensagens de amigos, colegas ou até empresas confiáveis para ganhar a confiança da vítima. Esse tipo de ataque, conhecido como engenharia social, é um dos mais comuns no ambiente digital. Com base em dados reais, os golpistas podem convencer os usuários a clicar em links maliciosos, fornecer senhas ou fazer transferências. Por isso, mesmo que uma mensagem pareça legítima, vale desconfiar de pedidos de ajuda, links suspeitos ou abordagens urgentes, mesmo que venham de alguém conhecido.

2. Riscos à segurança física

Postar a localização em tempo real, como em check-ins de restaurantes ou viagens, também pode trazer riscos. Criminosos conseguem aproveitar essas informações para agir enquanto usuários estão fora de casa ou em locais previsíveis, aumentando o risco de furtos e outros crimes. Até postagens sobre o dia a dia podem ser utilizadas por pessoas mal-intencionadas. Além disso, a superexposição de crianças e familiares, com identificação de escolas, horários ou locais que frequentam, também representa um perigo. Por isso, é aconselhável não postar conteúdos geolocalizados ou que revelem padrões de comportamento ou da rotina. Esperar para publicar fotos de viagens ou passeios somente depois de retornar é uma medida simples, que pode ajudar a garantir a segurança.

3. Deepfake e conteúdos falsos

Com o avanço da inteligência artificial, criminosos conseguem usar fotos e vídeos disponíveis nas redes para criar deepfakes, conteúdos falsos, mas realistas. Ao compartilhar imagens diversas de si mesmo, o usuário facilita a coleta de dados para esse tipo de manipulação. Os deepfakes podem ser usados para aplicar golpes, enganar contatos ou mesmo difamar a pessoa retratada. Esses conteúdos têm se tornado cada vez mais comuns e difíceis de identificar. Já existem casos em que vozes e rostos foram simulados para enganar familiares ou autoridades, por exemplo. A tecnologia também tem sido utilizada para criar nudes e vídeos pornográficos falsos a partir de fotos e áudios das vítimas. Para se proteger, é possível restringir o acesso às fotos postadas, evitar o uso de filtros com rastreamento facial e manter configurações de privacidade mais restritas nas redes sociais.

4. Prejuízos profissionais

Publicações nas redes sociais podem afetar a imagem profissional dos usuários, mesmo fora do ambiente de trabalho. Postagens polêmicas, fotos comprometedoras ou comentários impulsivos podem ser utilizadas fora de contexto e impactar diretamente a reputação. O comportamento online de candidatos também pode ser analisado durante processos seletivos. Além disso, colegas ou superiores podem ter acesso a conteúdos que comprometem a credibilidade ou que gerem mal-estar. Para evitar esse tipo de problema, é recomendável revisar as publicações, manter perfis mais reservados e refletir sobre o que vale a pena ou não expor nas redes sociais.

5. Uso indevido de dados por empresas

Ao compartilhar muito nas redes, o usuário alimenta um enorme sistema de coleta de dados. Empresas e algoritmos rastreiam preferências, hábitos de consumo, localização e até emoções, com base em curtidas, comentários e postagens. Esses dados podem ser vendidos, usados para direcionar anúncios personalizados ou mesmo influenciar decisões financeiras, como ofertas de crédito. Mesmo quando não há ilegalidade nesse processo, ainda falta transparência e controle do uso dessas informações. Para se preservar, é recomendável limitar a exposição online. O usuário pode revisar permissões de aplicativos, desativar o rastreamento em redes sociais e evitar compartilhar dados sensíveis em perfis públicos.

Fonte: Techtudo

Texto VII – Redes Sociais

Lá nas redes sociais
o mundo é bem diferente,
dá pra ter milhões de amigos
e mesmo assim ser carente.
Tem like, a tal curtida,
tem todo tipo de vida
pra todo tipo de gente.

Tem gente que é tão feliz
que a vontade é de excluir.
Tem gente que você segue
mas nunca vai lhe seguir.
Tem gente que nem disfarça,
diz que a vida só tem graça
com mais gente pra assistir.

Por falar nisso, tem gente
que esquece de comer,
jogando, batendo papo,
nem sente a fome bater.
Celular virou fogão,
pois no toque de um botão
o rango vem pra você.

Mudou até a rotina
de quem tá se alimentando.
Se a comida for chique,
O real é indigesto...

Fura a fila, não respeita
quando o sinal tá fechado,
tenta corromper um guarda
quando está sendo multado.
Depois, quando chega em casa,
digitando manda brasa
criticando um deputado.

Lá nas redes sociais
a tendência é ser juiz
e condenar muitas vezes
sem saber nem o que diz.
Mas não é nenhum segredo
que quando se aponta um dedo
voltam três pro seu nariz.

Conversar por uma tela
é tão frio, tão incerto.
Prefiro pessoalmente,
pra mim sempre foi o certo.
Soa meio destoante,

vai logo fotografando.
Porém, repare, meu povo:
quando é feijão com ovo
não vejo ninguém postando.

Esse mundo virtual
tem feito o povo gastar,
exibir roupas de marca,
ir pra festa, viajar,
e claro, o mais importante,
que é ter, de instante em instante,
um retrato pra postar.

Tem gente que vai pro show
do artista preferido,
no final volta pra casa
sem nada ter assistido,
pois foi lá só pra filmar.
Mas pra ver no celular
nem precisava ter ido.

Lá nas redes sociais
todo mundo é honesto,
é contra a corrupção,
participa de protesto,
porém, sem fazer login,
não é tão bonito assim.
pois junta quem tá distante
mas afasta quem tá perto.

Tem grupos de todo tipo,
todo tipo de conversa
com assuntos importantes
e outros, nem interessa.
Mas tem uma garantia:
receber durante o dia
um cordel do Bráulio Bessa.

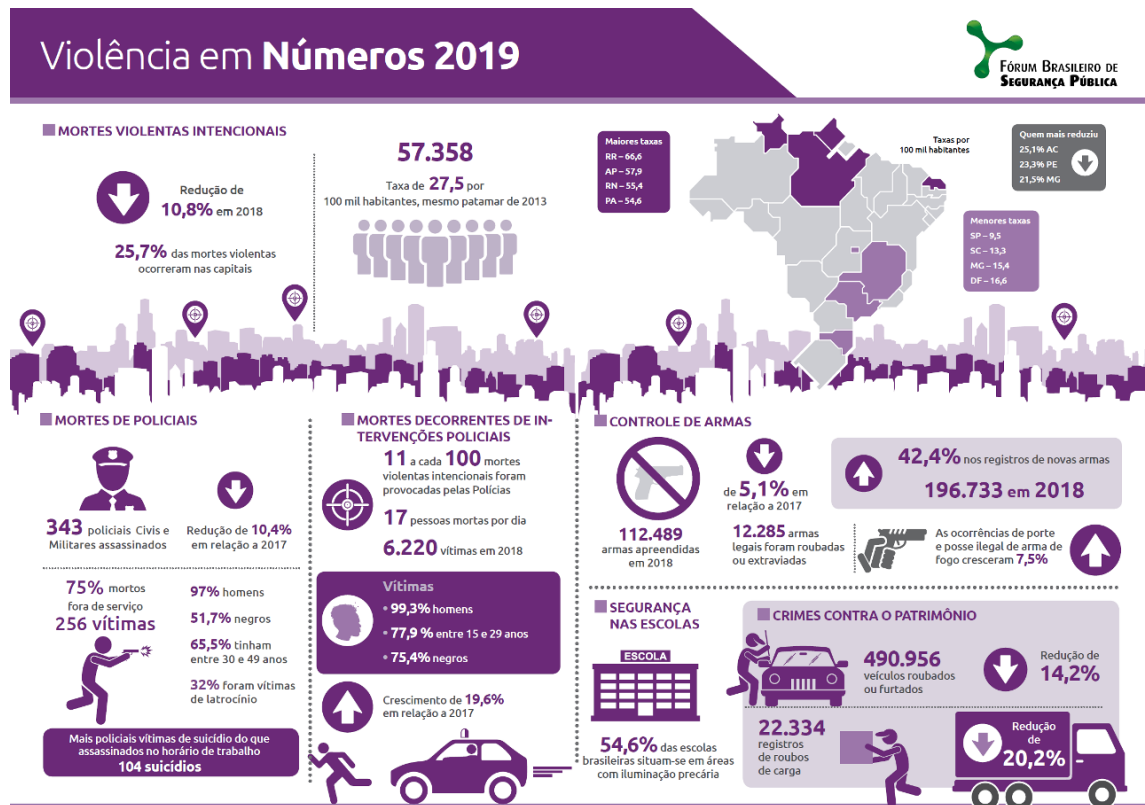
E se você receber
esse singelo cordel
que eu escrevi à mão
num pedaço de papel,
que tem um tom de humor
mas no fundo é um clamor
lhe pedindo pra viver.
Viva a vida e o real,
pois a curtida final
ninguém consegue prever.

Fonte: "Tudo é poema", escrito por Bráulio Bessa.

PROPOSTA ENEM: A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema: **“Desafios para a proteção da sociedade brasileira frente ao excesso de exposição de seus membros nas redes sociais”** apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

PROPOSTA DE REDAÇÃO – 2ª SÉRIE:

Texto I



https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/Image/noticias/violencia/infografico_fbsp_2019_1gd.png

Texto II

A violência (...) é um fenômeno histórico na constituição da sociedade brasileira. A escravidão (...), a colonização mercantilista, o coronelismo, as oligarquias antes e depois da Independência, somados a um Estado caracterizado pelo autoritarismo burocrático, contribuíram enormemente para o aumento da violência que atravessa a história do Brasil. Diversos fatores colaboram para aumentar a violência, tais como a urbanização acelerada (...), as fortes aspirações de consumo, em parte frustradas pelas dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Por outro lado, o poder público, especialmente no Brasil, tem se mostrado incapaz de enfrentar essa calamidade social. Pior que tudo isso é constatar que a violência existe com a convivência de grupos das polícias, representantes do Legislativo de todos os níveis e, inclusive, de autoridades do poder judiciário. A corrupção, uma das piores chagas brasileiras, está associada à violência, uma aumentando a outra (...). As causas da violência são associadas, em parte, a problemas sociais como miséria, fome, desemprego. Mas nem todos os tipos de criminalidade derivam das condições econômicas.

<http://brasilescola.uol.com.br/sociologia/violencia-no-brasil.htm>

Texto III

Estudos feitos por pesquisadores do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostram que as perdas do Brasil com a violência chegam anualmente a 6% do PIB, ou aproximadamente, R\$373 bilhões, considerando valores de 2016. O valor é equivalente ao investido pelo Estado em educação.

Em 10/06/2019, in <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/noticia/57/estudo-custo-da-violencia-equivale-a-percentual-do-pib-gasto-com-educacao>.

Texto IV

O que pode ser feito (...) para reduzir a violência que mata mais de 60 mil pessoas por ano no país (...)? (...) Construir mecanismos eficientes de redução da violência policial; implementar, como prioridade das polícias, a prevenção e a investigação dos crimes contra a vida; controlar as armas de fogo de forma duradoura, diminuindo sua disponibilidade; desenvolver amplos programas de prevenção social da violência voltados para os mais vulneráveis à violência (aqueles que já se envolveram com atividade criminosa violenta e/ou já estiveram presos e seus familiares); reduzir drasticamente o encarceramento e humanizar as prisões; adotar políticas de drogas que protejam os que são atingidos pela violência sistêmica de alguns mercados de drogas são estratégias racionais e plausíveis.

<https://oglobo.globo.com/brasil/especialistas-em-seguranca-publica-afirmam-que-pais-deve-priorizar-combate-violencia-22202383>

PROPOSTA DE REDAÇÃO: A partir do material de apoio e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema: “**A violência urbana e a ineficiência do sistema público de segurança no Brasil**” apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.
4. **Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:**
 - 4.1. Tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo consideradas “texto insuficiente”.
 - 4.2. Fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
 - 4.3. Apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.